

# 9 A REPETIÇÃO HISTÓRICA EM REDAÇÕES DE VESTIBULARES: A AUTORIA E O SENSO COMUM

---

CARMELINO, Ana Cristina. Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa pela Unesp/CAR, Docente do Mestrado em Lingüística da Universidade de Franca (Unifran) e do curso de Letras da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

PASCUALI, Daniele Cristina dos Santos<sup>1</sup>. Graduanda em Letras, Licenciatura-Português, pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

## RESUMO

Analisar como os vestibulandos se posicionam diante das propostas de redação dos vestibulares e das coletâneas de textos que essas propostas trazem consiste no objetivo principal deste trabalho. Com base nos estudos que versam sobre autoria, a saber, o de Foucault (1992) e de Orlandi (1996), assumimos, juntamente com Orlandi, que é pela repetição – parte da história e não um mero exercício mnemônico – que o autor produz o que é interpretável. Assim, analisando quatro redações dos processos seletivos de 2001 a 2004 da Unimep que receberam notas entre 1 e 4, verificamos que os textos dos vestibulandos apresentaram repetição histórica, contudo essa está presa ao próprio discurso do senso comum. Com este estudo, buscamos contribuir para a reflexão da dificuldade do processo de produção textual, principalmente em práticas de vestibulares, fornecendo aos professores subsídios que possam contribuir para revisão de suas práticas docentes.

---

**Palavras-chave:** autoria; redação de vestibular; repetição-histórica.

---

<sup>1</sup> Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelo financiamento da pesquisa.

## ABSTRACT

Analyzing how candidates to colleges and universities entrance face the composition exam proposals and texts that these proposals include is the main goal of this study. Based on studies on authorship by Foucault (1992) and Orlandi (1996), we assume that the author produces what is interpretable through repetition – part of history – not just a mnemonic exercise. Thus, analysing four compositions graded 1 to 4 made by candidates to the entrance examinations of 2001 and 2004 at Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep – we notice that these texts have a historic repetition which is tied to common sense discourse. This study aims at contributing to the discussion about the difficulties involved in the production of compositions, mainly in entrance examinations, so giving the professors support which may contribute to a review of their teaching practices.

---

**Key words:** authorship; college entrance exam composition; historic repetition.

## INTRODUÇÃO

Textos escritos produzidos em práticas de vestibulares sempre suscitaram interesse daqueles que estudam a língua e se preocupam em compreender as dificuldades do processo de produção textual.

Assim, constituindo um *corpus* de quatro redações de vestibulares dos processos de 2001 a 2004 da Universidade Metodista de Piracicaba, que obtiveram notas entre 1 e 4, resultando na reprovação dos candidatos que as produziram, procuramos analisar se esses sujeitos se assumem (ou não) como autores de seus textos.

Respaldados nos estudos de Foucault (1992) e Orlandi (1996, 2003), procuraremos refletir sobre a repetição histórica presente nos textos de vestibulares e se essas realmente garantem a constituição da posição-autor dos vestibulandos, além de discutir se o posicionamento (ou não) como autor do texto de vestibular influencia na aprovação ou reprovação desse candidato no ingresso à universidade.

## A QUESTÃO DA AUTORIA E DA REPETIÇÃO HISTÓRICA

Como já se sabe, a “autoria” não é uma noção definida e acabada, ao contrário, ela vem sendo discutida há um bom tempo.

Para tratar dessa questão, faz-se necessário rever as discussões apresentadas por Foucault (1992), principalmente no que diz respeito à função autor, a qual, segundo ele, é construída e não faz uma ligação direta do nome de autor com o ser individual e empírico, já que não se pode considerar o autor na instância do “poder criador” ou em um “lugar original da escrita”, e sim dentro do seu discurso, ele é uma “projeção”, uma “operação” que está atrelada tanto ao discurso, quanto à época. Mesmo acentuando a “construção” da função autor, Foucault (1992) enfatiza que:

a função autor não é, com efeito, uma pura e simples reconstrução que se faz em segunda mão a partir de um texto tido como um material inerte. O texto traz sempre consigo um certo número de signos que reenviam para o autor (p. 54).

Orlandi (1996) considera que “a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se apresenta na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim” (p. 69) e enfatiza que, apesar de o autor ser responsável pelo que diz ou escreve, ele só o faz pelo próprio efeito interpretativo de estar, supostamente, na origem do seu enunciado, sendo esse uma ilusão necessária e constitutiva do processo lingüístico.

Dessa forma, a autora salienta que o autor não pode ser considerado o “criador” de seu texto, pois ele somente “consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com o seu enunciado, numa história de formulações”, ou seja, o autor só se constitui se o que ele produzir for capaz de ser interpretado. Assim, ele se forma pela repetição, a qual “é parte da história e não mero exercício mnemônico” (ORLANDI, 1996, p. 69).

As reflexões de Orlandi (1996) aqui perfilhadas se devem à finalidade de nossa pesquisa – a qual visa a analisar como o candidato se assume (ou não) por meio de seus textos produzidos em práticas de vestibular –, pois sua concepção de posição-autor nos ajuda a compreender a função enunciativa do sujeito em um uso mais corrente:

Na relação com a constituição de um lugar de interpretação definido pela relação com o Outro (o interdiscurso) e o outro (interlocutor) [...] O lugar do autor é determinado pelo lugar da interpretação. O efeito-leitor representa, para o autor, sua exterioridade constitutiva (memória do dizer, repetição histórica) (p. 74-75).

Para a constituição da autoria, Orlandi (1996) enfatiza a importância da repetição, no entanto, convém salientar que apenas um caso de repetição – a histórica – permite a constituição da posição-autor, porque somente quando o sujeito “inscreve sua formulação no interdiscurso” e “historiciza o seu dizer” é que produz um evento interpretativo. Sendo assim, há distinção entre os tipos de repetição apresentados pela autora:

- a repetição empírica – exercício mnemônico que não historiciza – de,
- a repetição formal – técnica de produzir frases, exercício gramatical que também não historiciza – de,
- a repetição histórica, a que inscreve o dizer no repetível enquanto memória constitutiva, saber discursivo, em uma palavra: interdiscurso. Este, a memória (rede de filiações), que faz a língua significar. É assim que sentido, memória e história se intrincam na noção do interdiscurso (p. 70).

É importante ressaltar que é pela interpretação que se constitui o dizer e, segundo Orlandi (2003), essa interpretação é construída pelas condições sócio-históricas de leitura. Logo, o próprio perfil da questão de leitura, tanto para os candidatos quanto para as universidades, é imprescindível à discussão da posição-autor.

Para nosso trabalho, admitimos, com Orlandi (1996), a repetição como condição de formulação do discurso, pois é pelo interdiscurso, ou seja, pela mobilização dos “já ditos” por nossa memória discursiva que construímos os sentidos. Assim, como nosso objetivo é a análise da constituição da posição-autor em redações de vestibulares, não temos como negar o papel da leitura e do Outro (o interdiscurso), pois “o sentido que não se historiciza é ininteligível, ininterpretável, incompreensível” (p. 70).

## **A POSIÇÃO-AUTOR CARACTERIZADA PELA REPETIÇÃO HISTÓRICA DO SENSO COMUM**

O alto número de reprovação em produções textuais nas práticas sociais de vestibulares dos anos de 2001 a 2004 da Unimep desencadeou a formação de um grupo de pesquisa<sup>2</sup> que se propõe a analisar os textos produzidos pelos candidatos nessas práticas.

Uma análise mais apurada desse número de reprovação permiti-

---

<sup>2</sup> O grupo de pesquisa *A produção escrita do vestibulando*, constituído desde 2005, busca analisar textos produzidos por vestibulandos da Unimep em seus diversos aspectos, como: fatores discursivos, fatores de organização textual, fatores lexicais e fatores sintáticos.

nos verificar que a média nesses quatro processos seletivos – de 2001 a 2004 – é de 63,45% de candidatos que obtiveram em suas produções textuais notas entre 1 e 4 (Tabela 1). Esse dado é alarmante, já que demonstra que mais da metade dos candidatos que prestou vestibular e se submeteu à prova de redação não atingiu a média de classificação.

Tabela 1 – Quantidade de redações por nota – 2002 a 2004.

NOTAS/ANO	2001	%	2002	%	2003	%	2004	%	TOTAL	%
0,00 – 0,50	644	12,07%	1.303	22,05%	353	5,15%	117	2,97%	2.417	10,97%
1,00 – 4,00	3.394	63,61%	2.975	50,34%	5.047	73,67%	2.565	65,15%	13.981	63,45%
4,50 – 5,00	582	10,91%	726	12,28%	713	10,41%	595	15,11%	2.616	11,87%
5,50 – 7,50	679	12,72%	846	14,31%	699	10,20%	633	16,08%	2.857	12,97%
8,00 – 10,00	37	0,69%	60	1,02%	39	0,57%	27	0,69%	163	0,74%
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>5.336</b>	<b>100,00%</b>	<b>5.910</b>	<b>100,00%</b>	<b>6.851</b>	<b>100,00%</b>	<b>3.937</b>	<b>100,00%</b>	<b>22.034</b>	<b>100,00%</b>

Mesmo no ano em que a quantidade de redações com notas de 1 a 4 aparenta ser menor – em 2002 – o percentual é alto, de 50,34%, e essa redução aconteceu em virtude do grande número de redações com nota “zero”, ou seja, 1.102 (18,65%) redações.

Consideramos que a reflexão em torno da constituição da autoria possa contribuir para a explicação do fenômeno da alta reprovação, assim, buscamos focar em nossas análises em como os candidatos se constituem (ou não) autores de seus textos.

Convém salientar que, para nós, assim como para Orlandi (1996), o autor não é o “criador”, e sim o produtor de um texto que possa ser interpretado, sendo portanto um formulador de um objeto, o texto, por meio do qual podemos construir um sentido. Para tanto, ele deve formular no interior do formulável, ou seja, se constituir (e constituir seu texto) pela repetição.

Porém, para que essa repetição seja interpretável, é necessário que ela se inscreva no interior do interdiscurso, também denominado de memória discursiva, a qual será responsável pela constituição do sentido do leitor quando da apreciação do texto.

Logo, não é qualquer repetição que caracteriza a posição-autor,

afinal quando o sujeito constitui seu texto apenas pelos tipos de repetição formal (a paráfrase) e empírica (cópia), ele realiza um exercício mnemônico que não se historiciza, isto é, que não se inscreve na memória discursiva, e, portanto, não é passível de interpretação.

Na análise, observamos que os textos são constituídos pelos três tipos de repetição – empírica, formal e histórica – e há, inclusive, enunciados que apresentam dois ou mais tipos de repetição em uma espécie de inter-relação (Tabela 2).

Tabela 2 – Tipos de repetições por redação.

TIPOS DE REPETIÇÕES/ANO	2001	%	2002	%	2003	%	2004	%	TOTAL	%
<b>Total de enunciados por redação</b>	<b>4</b>		<b>8</b>		<b>13</b>		<b>4</b>		<b>29</b>	
<b>Tipos de Repetições</b>										
Repetição empírica		0%		0%	3	23%		0%	3	10,3%
Repetição formal	1	25%	4	50%	2	15%	3	75%	10	34,5%
Repetição histórica		0%	2	25%	7	54%	1	25%	10	34,5%
<b>Inter-relacionamento de repetição</b>										
Formal + histórica	1	25%	2	25%	1	8%		0%	4	13,8%
Formal+ histórica + posicionamento	2	50%		0%		0%		0%	2	6,9%

Desse modo, enfatizamos que nenhum dos textos é constituído inteiramente por somente um tipo de repetição, ou seja, em todos os textos por nós analisados aparecem os vários tipos de repetição se inter-relacionando; contudo, vamos destacar as repetições históricas, pois essas seriam as determinantes para a constituição da posição-autor dos candidatos.

Julgamos relevante o fato de todas as repetições históricas observadas nas redações incorporarem vários discursos do senso comum, como podemos verificar nos exemplos que seguem:

### Redação 01/2001

(...) Os episódios das novelas que antigamente era ignorados na vida real pelas pessoas, hoje em dia é natural. Por exemplo, um

atriz faz um papel de gay, para os que assistem não contém nada de impressionante em vista dos dias de hoje. Mas, antigamente, esse mesmo papel, seria mais uma ficção, pois no real era discriminado pessoas assim, e quase não havia desses casos.

Para que entendamos a classificação do enunciado como repetição histórica é necessário que citeamos a proposta da produção textual do processo seletivo de 2001:

A partir da leitura da coletânea apresentada, redija um texto em que você discuta a seguinte afirmação de Neal Gabler em “Vida, o filme”, da Companhia das Letras: “(...) hoje vivemos em uma pós-realidade na qual é cada vez menos possível distinguir realidade e ficção” (*Caderno de questões*, 2001, p. 3).

Salientamos que as antologias que respaldam a repetição do vestibulando ora afirmam que a ficção imita a vida, ora afirmam que a vida é que imita a ficção, trazendo como exemplos os personagens e acontecimentos da novela que, na época, era transmitida pela TV.

Inferimos que a TV e, em especial, as novelas fazem parte do cotidiano desse vestibulando, pois ele, a partir da leitura das antologias, trouxe, mesmo que do senso comum, o discurso de que atualmente é maior o número de pessoas homossexuais que no passado (enfatizamos que na época do vestibular, a novela trazia a problemática de um casal de lésbicas). Logo, essa repetição é passível de interpretação, sendo portanto considerada histórica.

Observemos agora um outro caso de repetição histórica.

### **Redação 03/2002**

No atual mundo globalizado, onde há grande disputa por tudo, pessoas buscam compensações até para erros do passado, muitas deixam de avaliar e programar o presente e o futuro em virtude do tempo já decorrido.

Causa disso é a constante concorrência, individualismo, busca

pelo poder, vaidade, os seres humanos cada vez menos aceitam o fracasso ou o próprio erro (...)

O fato seria solucionado se houvesse mais sentimento harmonioso e solitário entre os seres, diminuição do materialismo e conseqüente diminuição as concorrência, pois a grande maioria dos países hoje, giram em torno do Capitalismo que devora e vem exterminando o pouco de bondade e piedade que ainda resta entre os cidadãos desta sociedade.

Para analisarmos os enunciados, transcrevemos a proposta de produção de texto do vestibular de 2002:

Leia atentamente a coletânea dada a seguir e redija um artigo para um jornal em que você comente sobre a validade ou não de se buscar compensação para os erros do passado (*Caderno de questões*, 2002, p. 2).

As antologias dessa proposta abordam o tema do “ressentimento”, sendo que “globalização” ou “capitalismo” em nenhum momento foram enfocados por elas. Entretanto, convém destacar que “globalização” é um tema muito discutido por estudantes, principalmente por aqueles que freqüentaram o Ensino Médio a partir da segunda metade da década de 90.

Esse vestibulando utilizou-se de seus conhecimentos sobre o assunto para produzir seu texto, e, mesmo que aparentemente esses temas não se relacionem com o tema central da proposta – “ressentimento” – o candidato considerou um como causa do outro, assim, a repetição histórica ocorre, pois o sujeito traz de seu meio acadêmico enunciados que podem ser interpretados por fazerem parte da memória discursiva.

Destacamos outro exemplo de redação que é constituída por repetições históricas, porém essas são do cotidiano do próprio vestibulando:

### **Redação 01/2003**

(...) Muitas pessoas perderam o sucesso dentro de sua propria casa, até aos domingos.

Esses donos de carros param em uma certa rua ou avenida, e abrem o porta malas e dali de dentro o som se reflete as residências tirando a tranquilidade de quem quer dormir, estudar, conversar ou seja você se torna escravo das músicas alheias, e que muitas das vezes a qualidade do som é péssima (...).

Transcrevemos a proposta de redação para o ano de 2003:

A partir da leitura da coletânea dada a seguir, redija um TEXTO DISSERTATIVO endereçado a um jornal, no qual você aborde a paisagem sonora da sua cidade, enfocando os ruídos que mais incomodam e os efeitos destes nas pessoas.

Caso haja necessidade, proponha alternativas para melhorar a paisagem sonora da sua cidade (*Caderno de questões*, 2003, p. 2)

Pelo senso comum, temos o conhecimento de que em determinadas cidades – principalmente as do interior e pequenas – há a prática social de um tipo de “competição de som”.

Sem tentarmos evidenciar os motivos – pois esses podem ser diversos como: a falta de opção de lazer para os jovens; o costume da cidade; o prazer de estar no ponto social dito o mais “popular”; uma maneira de paquera etc. – sabemos que, aos finais de semanas, jovens que possuem automóveis com caixas de sons instaladas em seus porta-malas se reúnem em determinados locais para “ouvir” músicas. O som é diversificado, pois se tem o “funk”, o “pagode”, o “samba”, o “sertanejo” e o “rock” “digladiando-se” em uma mesma “arena”.

Os jovens, nesse local, conseguem ouvir as músicas com que mais se identificam, além de conversarem entre si. Contudo, aqueles que moram ou estão nas imediações desse “palco” social e não participam efetivamente dessa prática se sentem incomodados e até irados com o “barulho”, com o som “incompreensível”, com a multidão ou com a própria tomada do espaço público.

O vestibulando da redação 01/2003 incorpora em seu texto o dis-

curso desses “incomodados”, relatando, possivelmente, suas próprias experiências por meio da repetição histórica que apresenta.

Esses exemplos nos mostram um tipo de repetição que apresenta a possibilidade de construção de sentido, em outras palavras, esse tipo de repetição é interpretável por se inscrever no interdiscurso. No entanto, a repetição histórica nos casos citados está inserida nos discursos do senso comum, seja do meio escolar, seja da vida cotidiana ou da mídia. Assim, mesmo constituindo os textos por repetições históricas, esses vestibulandos não se posicionaram, realmente, como autores de textos inseridos em práticas sociais de vestibular.

A análise realizada alerta para um ponto crucial: a incorporação dos discursos do senso comum pode ser uma das causas para a baixa nota atribuída ao texto, uma vez que compromete a posição-autor.

Todas essas considerações nos fazem refletir sobre o que leva o candidato de vestibular a ter tanta dificuldade de se posicionar como autor de seu texto. Acreditamos que algumas das respostas do “Questionário sócio-econômico-cultural”, o qual foi respondido pelos candidatos aos processos seletivos, quando das suas inscrições, possam nos fornecer subsídios para melhor compreensão dessa questão.

Esses quatro candidatos, na época de seus vestibulares, estavam na faixa etária de 17 a 19 anos, por isso inferimos que eles haviam acabado de cursar o Ensino Médio e, dessa forma, o conteúdo escolar ainda devia estar recente. Esse dado é também importante para justificar que 50% dos vestibulandos responderam que estavam se preparando para o processo seletivo cursando o Ensino Médio e os outros 50% alegaram que estavam estudando por conta própria.

Dessa forma, acreditamos que a produção textual não deveria apresentar tantos problemas, ainda mais quando consideramos que esses candidatos tiveram seus estudos norteados pelas propostas dos PCNs<sup>5</sup> e, assim, conceitos que privilegiassem a produção “diversidade de gêneros”. Logo, presumimos que esses candidatos já deveriam

---

<sup>5</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais que datam de 1998.

estar mais familiarizados com a questão dos gêneros, mesmo aqueles que são solicitados na prática social de vestibular.

A maioria desses vestibulandos (75%) cursou o Ensino Médio na rede pública, sendo que apenas um cursou escola particular. Contudo, convém ressaltar que todos esses quatro candidatos obtiveram notas inferiores a “4” em suas produções textuais.

Entretanto, julgamos que a questão da leitura e informação é relevante para a problemática do posicionamento desses candidatos como autores de seus textos, afinal somente são incorporados os discursos do senso comum.

A leitura, como já salientamos, é uma construção histórico-social e é a partir dela que se formam imagens de “leitores-ideais” para as diversas esferas sociais.

Não é diferente nas universidades, pois, como destaca Nunes (apud ORLANDI, 2003):

Os concursos e testes para ingresso em universidades e certas instituições não-escolares, assim como acontece com os concursos para funcionários públicos, também visam a um perfil idealizado de leitor (p. 33).

Então, a própria preparação das propostas de produção textual em práticas de ensino (e porque não falar em práticas de vestibular) presume uma imagem de leitor para seus futuros alunos, porém, a história dos candidatos pode edificar uma outra imagem de leitor, que não condiz com aquela que as universidades esperaram.

Isso se torna mais visível quando da apreciação das respostas do “Questionário sócio-econômico-cultural”, pois na época da inscrição para o vestibular todos os candidatos que tiveram seus textos por nós analisados responderam ter em casa computadores com acesso à Internet e a TVs por assinatura, além de alegarem ler jornais e revistas; entretanto, quando perguntados sobre qual o meio mais utilizado para a informação e com qual atividade eles ocupavam o tempo, a resposta foi unânime e única: TV.

Assim, inferimos que os candidatos constituem sua história de leituras pelos discursos do senso comum, principalmente aqueles veiculados pela mídia, em especial a televisiva, sendo que se torna inviável a incorporação em seus textos de repetição histórica que se distanciem dessa prática.

As repetições trazidas das práticas escolares e da própria vivência dos candidatos ajudam a comprovar que a construção da leitura por parte dos candidatos está muito aquém da imagem de leitor presumida pelas universidades. Com isso, ao trazerem para seus textos de vestibulares a repetição histórica do senso comum, os candidatos prejudicam seu posicionamento como autores, podendo ser esse um dos fatores que contribuem para a alta taxa de reprovação.

## CONCLUSÃO

Após as análises das redações de vestibular que compõem nosso *corpus*, verificamos que os candidatos trazem para seus textos a repetição histórica, permitindo a construção de sentido de seus ditos; no entanto, como esses candidatos incorporaram discursos do senso comum, a saber, da mídia, da escola e do cotidiano do jovem, o posicionamento acabou comprometido.

Por meio da apreciação do questionário sócio-econômico-cultural respondido pelos candidatos na época de inscrição do processo seletivo, inferimos que a construção histórico-social de leitura desses sujeitos, focada em discursos veiculados pela mídia – especialmente pela TV –, explica a incorporação de repetição histórica do senso comum em seus textos. Essa edificação de leitura se opõe à imagem de “leitor-ideal” presumida pelas universidades, sendo que é essa imagem que embasa a própria preparação das propostas de produção textual dos vestibulares.

Assim, apesar de trazerem a repetição histórica para seus textos, os candidatos construíram uma história de leitura voltada para os discursos do senso comum, comprometendo, assim, seu posicionamento como autores.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor*. 3. ed. Lisboa: Veja, 1992.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 2003.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

UNIMEP. *Manual do vestibular*. Piracicaba, 2006.

\_\_\_\_\_. *Caderno de questões*: Piracicaba, 2001, 2002, 2003 e 2004.